

Cardoso admite que desemprego aumentou

36
por Maria Clara R. M. do Prado
de Paris

O presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, iniciou ontem sua primeira visita oficial à França – é o primeiro presidente brasileiro a visitar o país nos últimos 20 anos – admitindo que a taxa de desemprego no Brasil neste ano ficará em torno de 6%, maior portanto do que a taxa observada em 1995, de 5%, mas ainda assim bem menor do que a taxa em torno de 11% observada não só no próprio mercado francês mas também na Alemanha.

“Nós temos de levar em consideração a imensidão do País. São Paulo, em consequência da reestruturação da indústria, tem vivido atualmente problemas importantes. Outros estados, como Minas Gerais que começa a industrializar-se, experimenta uma alta taxa de crescimento. Aqueles que perderam o emprego na área têxtil, implantada primeiramente no Sul, não vão para o Nordeste, onde se encontram as novas instalações para procurar por trabalho. Esse é um problema que devemos enfrentar, mas os números não são alarmantes. Nossa taxa de desemprego não alcança a da União Européia. Nós não tivemos mais do que 5% de desempregados no ano passado, nós devemos passar a 6% este ano”, disse o presidente ao jornal francês Le Figaro, em entrevista publicada ontem, confirmando durante o dia suas declarações sobre o desemprego no Brasil.

O presidente dá por vencida a batalha contra a inflação, mas nem por isso minimiza as difi-

culdades que precisam ser encaradas e não se encontram apenas no campo econômico e social. “Mudar a cabeça é mais difícil do que mudar o bolso”, disse ele ontem aos representantes de várias organizações não-governamentais (ONG) ligadas aos direitos humanos com quem se avistou em audiência no Palácio Marigny, no centro de Paris.

Fernando Henrique pediu compreensão, fazendo ver que em São Paulo melhoraram muito as estatísticas que apontam para o assassinato de pessoas nas ruas da cidade: “Os progressos são pequenos, mas eles existem”, atestou, depois de pedir que as próprias ONG o ajudem, não só no levantamento de recursos para melhorar a situação dos sem-terra, dos meninos de rua e da violência em geral no campo ou na cidade mas principalmente no trabalho mais demorado que é justamente o de mudar a cultura do País.

“Nós sabemos que temos no Brasil muitos problemas. Trata-se de um país que se caracteriza por uma transformação muito rápida, que de 1947 a 1992 cresceu doze vezes sua economia, sendo superado só pelo Japão, e isso significa a formação de um mundo novo, que não existia antes, com tudo acontecendo ao mesmo tempo. Do ponto de vista teórico, é fascinante. Do ponto de vista prático, é dramático. A cada vez que nos deparamos com o contraste entre as necessidades e as possibilidades, há um descalabro”, comentou o presidente Fernando Henrique, invocando para esses momentos o uso do bom senso, no sentido de fazer uso



da razão, para saber se o progresso está sendo conseguido ou se a direção está errada.

O dia do presidente ontem foi dedicado a audiências com interlocutores da área privada (foi feriado ontem na França). Ele recebeu ontem à tarde o presidente da Renault, Louis Schweitzer, cuja

empresa já anunciou investimentos de mais de US\$ 1 bilhão para a instalação de uma fábrica no Paraná, além do presidente da Aérospatiale, Louis Gallois, que manifestou interesse em passar a atuar no Brasil em associação com parceiros locais (ver reportagens nesta página).

Hoje, ele tem o primeiro encontro com o presidente da França, Jacques Chirac, no Palácio do Elysée. Não deixa de ser curioso que Fernando Henrique, apesar de ser um homem por formação intelectual e política mais ligada ao pensamento de uma esquerda que no passa-

do se rebelou contra as posições mais conservadoras da ditadura, encontre justamente em Chirac, um conservador da escola dualista, um aliado que se volta inteiramente para o Brasil. Isso está acontecendo depois da França de François Mitterrand, um conhecido militante da esquerda, ter de alguma forma relaxado o interesse pela América Latina.

Fazem parte da comitiva do presidente, seis ministros de Estado – da Fazenda, das Relações Exteriores, das Comunicações, da Administração, da Ciência e Tecnologia e da Cultura – que vão aproveitar a passagem por Paris para contatos com interlocutores ligados às suas áreas de atuação. Também o senador Antônio Carlos Magalhães, presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal, acompanha Fernando Henrique Cardoso. Ontem, em rápida conversa com os jornalistas, Magalhães previu que o projeto que trata das mudanças na Previdência Social será recuperado no Senado.

“Do jeito como o projeto foi votado na Câmara ele ficou inviável”, comentou o senador, dizendo que não considerava como traidores

os que votaram contra os pontos básicos da proposta governamental, mas diria, sim, que são “negligentes”. Antônio Carlos Magalhães acha que o presidente Fernando Henrique Cardoso está reagindo: “Ele não pode ser bonzinho, tem que ter uma posição firme”, atestou. ■